

**XVII CONGRESSO
NACIONAL DE
PESQUISA EM
EDUCAÇÃO
COPED/2026**
09 A 11 DE JUNHO



**EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO
DE UM NOVO MUNDO:
UTOPIAS NEBERLIANAS**



LUDICIDADE E ALFABETIZAÇÃO: O BRINQUEDO COMO MEDIADOR NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NOS ANOS INICIAIS

Tiago Gonçalves Barbosa

Universidade Estadual de Montes Claros

tiagoviola Barbosa@gmail.com

Gabriela Pinheiro Santos

Universidade Estadual de Montes Claros

gabrielapinheirodossantos24@gmail.com

Isabela de Carvalho Gonsalves de Matos

Universidade Estadual de Montes Claros

isalmatos2@gmail.com

Náthally Lopes Rodrigues

Universidade Estadual de Montes Claros

natalyrodriques722@gmail.com

Patrícia Medeiros de Carvalho

Universidade Estadual de Montes Claros

medeirospatricia343@gmail.com

Tauane Cardoso Lopes

Universidade Estadual de Montes Claros

tauanelopes0351@gmail.com

Ângela Cristina Rodrigues da Silva

Universidade Estadual de Montes Claros

angelacristinarodrigues@unimontes.br

Eixo: 1 – Alfabetização, Letramento e outras Linguagens

Palavras-chave: ludicidade; brinquedo; alfabetização; linguagem infantil; anos iniciais.

Resumo Expandido

Resumo Simples

O brinquedo constitui mediador fundamental no desenvolvimento da linguagem infantil. Este trabalho analisa, por revisão bibliográfica qualitativa, como a ludicidade pode ser integrada às práticas de alfabetização nos anos iniciais, articulando Vygotsky, Piaget, Saviani, Tardif e Bunzen para fundamentar o uso intencional do brinquedo como estratégia pedagógica.



Introdução

Muito se discute sobre a alfabetização na sociedade contemporânea brasileira, mas o grande desafio é superar os métodos puramente mecânicos em favor de uma aprendizagem significativa. No centro desse debate, um instrumento utilizado por todos os professores que trabalham com crianças na primeira infância ainda enfrenta resistência para ser integrado de maneira intencional: o brinquedo, visto muito mais como mediação cognitiva do que como simples passatempo. Ainda hoje, a escola tende a separar o tempo do brincar do tempo de aprender, ignorando que a criança na primeira infância habita o mundo através da ludicidade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já reconhece o brincar como direito da criança e eixo estruturante das práticas de ensino nos Anos Iniciais (BRASIL, 2018), o que já deveria ser sinal suficiente para que a escola revisse essa separação.

Justificativa e problema da pesquisa

A separação entre o brincar e o aprender nos anos iniciais revela uma contradição pedagógica persistente: enquanto a literatura científica e os documentos curriculares reconhecem o brinquedo como recurso central para o desenvolvimento infantil, as práticas de sala de aula continuam relegando a ludicidade a momentos recreativos sem propósito claro. É a partir dessa contradição que surge a pergunta central deste trabalho: de que maneira o brinquedo pode ser integrado às práticas de alfabetização de forma proposital, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem nos anos iniciais sem abrir mão do ensino sistemático da língua escrita?

Objetivos da pesquisa

O objetivo geral é analisar, com base na literatura pedagógica clássica e contemporânea, como a integração dos brinquedos nas práticas de alfabetização nos anos iniciais pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem, respeitando a indissociabilidade entre o cuidar e o educar.

Referencial teórico que fundamenta a pesquisa

Para Piaget e Inhelder, o jogo simbólico é expressão da capacidade semiótica, que se consolida entre os dois e os sete anos e representa a habilidade de usar representações mentais no lugar de objetos ausentes (PIAGET; INHELDER, 2006). Essa operação é o alicerce da alfabetização, pois a escrita exige que a criança compreenda que letras representam sons e palavras remetem ao mundo real. Vygotsky vai na mesma direção ao mostrar que o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal, impulsionando a criança além de suas capacidades cotidianas. Ao narrar histórias, inventar regras ou fingir ler, ela exercita as operações simbólicas que sustentarão o uso da linguagem escrita (VYGOTSKY, 1991).



A perspectiva histórico-crítica de Saviani (2025) afirma a necessidade do ensino sistematizado e alerta para que este não se transforme em espontaneísmo. Embora a escola deva transmitir o saber erudito, uma educação comprometida com a transformação social precisa partir da realidade concreta dos sujeitos, reconhecendo a ludicidade como ponto de partida legítimo, e não como desvio do percurso escolar. Tardif define o saber docente como um conjunto heterogêneo que inclui conhecimentos disciplinares, didáticos, curriculares e os que vêm da própria experiência (TARDIF, 2014), e nenhum desses saberes, por si só, dá conta da complexidade da sala de aula. Bunzen e Pessoa reforçam que o professor alfabetizador precisa compreender como as crianças constroem sua relação com a língua escrita para transformar o que observa nas brincadeiras em oportunidades de aprendizagem reais (BUNZEN; PESSOA, 2020).

Procedimentos metodológicos

Este estudo foi construído por meio de revisão bibliográfica qualitativa e de caráter exploratório, utilizando bases de dados acadêmicas como Google Acadêmico e SciELO. Fundamenta-se em referenciais teóricos clássicos e contemporâneos, como Vygotsky (1991), Piaget e Inhelder (2006) e Saviani (2025), além de produções sobre formação docente e práticas de linguagem. A leitura comparada das obras buscou identificar o que elas têm em comum sobre o brinquedo como recurso alfabetizador e o que isso implica para o trabalho cotidiano do professor.

Análise dos dados e resultados finais da pesquisa

As obras consultadas convergem para uma conclusão que vai além do óbvio: o brinquedo não apenas antecede a alfabetização no tempo, ele constrói os processos cognitivos sem os quais aprender a ler e escrever tende a ser um percurso muito mais árido e difícil. A criança que finge ler, inventa histórias ou brinca de escolinha já desenvolve as operações cognitivas que a alfabetização formal exigirá (VYGOTSKY, 1991; PIAGET; INHELDER, 2006). O segredo está em transformar o brinquedo em situação-problema: o professor propõe desafios dentro da brincadeira, como encontrar palavras que rimam, contar sílabas ao bater palmas ou recontar uma história mudando o final. Assim, o brincar ganha propósito sem perder a leveza (RÊGO; LIMA, 2010). O equilíbrio entre o lúdico e o formal se constrói quando o professor planeja com clareza: começa pelo brinquedo como ponto de entrada, avança para a sistematização do conceito e fecha com uma atividade que consolida a aprendizagem. Nos anos iniciais, o brincar bem orientado já é ensinar (TARDIF, 2014; BUNZEN; PESSOA, 2020).

Relação do objeto de estudo com a pesquisa em Educação e eixo temático do COPED

A presente discussão converge com o Eixo 3 ao buscar aproximar as concepções de infância, ludicidade e linguagem das práticas reais de alfabetização e letramento na Educação Básica.



Este estudo aponta que ainda há muito a avançar no que diz respeito ao modo como a ludicidade pode deixar de ser tratada como recreação e passar a funcionar como estratégia de ensino nos anos iniciais, o que, na prática, significa melhores condições de aprendizagem para as crianças.

Considerações finais

A instituição escolar que trata o brinquedo como mera recreação negligencia sua importância como instrumento de ensino, uma vez que ele não é acessório na alfabetização: faz parte da estrutura do desenvolvimento da linguagem infantil. Contudo nada disso acontece por conta própria. Depende de um professor que compreenda a importância do brincar com seus alunos como instrumento pedagógico claro, de modo que possam ser avaliados os resultados e as experiências que estes produziram. Investir na formação docente é o que vai determinar se a ludicidade continua sendo apenas recreação ou passa a funcionar, de fato, como pedagogia eficiente nos anos iniciais.

Referências

- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.**
- BUNZEN, C.; PESSOA, A. C. R. G. (Orgs.). **Formação e saberes docentes: desafios para (re)pensar a prática pedagógica.** Recife: Ed. UFPE, 2020.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.
- RÊGO, L. B.; LIMA, M. V. R. O. **Didática.** Recife: UPE, 2010.
- SAVIANI, D. **Educação, pedagogia histórico-crítica e BNCC.** São Paulo: Expressão Popular, 2025,
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014..
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.